





Carta a uma filha que vai nascer



2 DE DEZEMBRO. Durante todo o verão e todo o outono, tens crescido dentro da barriga. Rodeada de escuridão e água, foste passando pelos diferentes estádios do embrião, que, do exterior, se parecem com a evolução da própria espécie humana, de um ser pré-histórico parecido com um camarão, com a espinha dorsal em forma de cauda, e a pele tão fina, revestindo o corpo de um centímetro de comprimento, que o interior transparece nitidamente através dela — como um desses impermeáveis de plástico transparente, que talvez um dia virás a ver e a achar, como eu, que têm qualquer coisa de obsceno, se calhar porque é antinatural ver através da pele e um impermeável desses é uma espécie de pele com que nos vestimos —, até à primeira forma de mamífero, em que a espinha dorsal já não é o traço dominante, mas sim a cabeça, enorme em relação ao corpo delgado e dobrado, e aos braços e pernas extremamente finos como caules, para não falar dos dedos dos pés e das mãos, finos como agulhas. Os traços do rosto ainda não estão desenvolvidos, os olhos, o nariz e a boca apenas se adivinham, como numa escultura a que falta o trabalho final. E, aliás, é mesmo assim, só que o trabalho não vem do exterior para o interior, mas do interior para o exterior: tu mudas, vais aparecendo através da carne. Assim, com traços vagos e indistintos, estavas tu no final de junho quando estávamos de férias em Gotland, numa casa bem dentro do bosque, em Fårö, numa pequena clareira no meio dos abetos, onde o ar cheirava a sal e o

barulho do mar sussurrava por entre os ramos. Tomávamos banho de manhã numa das estreitas e longas praias do Báltico, comíamos num dos restaurantes com esplanada que lá havia, à noite víamos filmes em casa. A tua irmã mais velha tinha então nove anos, a segunda tinha sete, e o teu irmão tinha cinco, quase seis. Fazem muita balbúrdia, especialmente as duas meninas, que, sendo tão próximas na idade, sentem permanentemente a necessidade de ajustar a distância entre si, discutem e brigam com frequência, mas nunca quando estão na praia, nunca quando tomam banho, nessa altura estão sempre bem, e sempre foi assim: na água desaparecem todos os conflitos, todos os problemas, esquecem tudo à sua volta e brincam apenas. Também adoram o seu irmãozinho, acham-no lindo, e por vezes dizem que gostariam de casar com ele se não fosse seu irmão. Dois meses depois, ele teve o seu primeiro dia de escola, no final de agosto, e tu continuavas, muito pequenina, na tua escuridão, a cabeça gigantesca em relação ao corpo, as pernas como pequenos ramos, mas com unhas nos dedos dos pés e das mãos, que agora podias mexer, o que fazias claramente, metias o polegar na boca e chupavas. Não tinhas noção de nada, não sabias onde estavas ou quem eras, mas vagamente, vagamente, devias saber que existias porque havia diferenças na tua situação, porque se não sentias nada quando a tua mão se agitava à volta da cabeça, devias sentir quando a levavas à boca, e essa diferença, que isto é uma coisa e isto é outra coisa, deve ser o ponto de partida da consciência. Mas mais do que isso não deve ter sido. Todos os sons que chegavam até ti, vozes e ronronar de motores, pios de gaivota e música, pancadas, guizos, gritos, devem ter estado simplesmente ali como escuridão e água, algo que não distinguias em si, porque não devia haver nenhuma diferença entre ti e o meio em que estavas: eras apenas uma coisa a crescer, algo que se distendia. Eras a escuridão, eras a água, os solavancos, quando a tua mãe subia umas escadas. Eras o calor, eras o sono, eras a pequenina diferença que surgia quando acordavas.

As fotos do primeiro dia de escola do teu irmão, irás vê-las um dia; uma delas está pendurada na parede da sala de jantar, nela

estão os três a sorrir, cada um à sua maneira, nos seus novos uniformes escolares, tendo o jardim, verde e cintilante na luz da manhã, como pano de fundo, sob um céu azul de verão.

Parece idílico e pleno de felicidade. E assim foi, tanto os dias nas praias de Fårö como o primeiro dia de escola foram bons. Mas quando um dia vieres a ler isto, minha querida, se tudo correr bem e a gravidez decorrer normalmente, o que espero e creio, mas de que não há qualquer garantia, fica a saber que não é assim que a vida parece ser, que não são os dias de sol e de riso que são a regra, apesar de eles também existirem. Nós estamos entregues uns aos outros. Todos os nossos sentimentos, vontades e desejos, toda a nossa constituição psíquica individual, com todos os seus esconsos recantos e duras superfícies, de certa maneira, tornou-se mais rígida cedo na infância, quase impossível de romper, e defronta-se com os sentimentos, vontades e desejos dos outros e com a sua constituição psíquica individual. Apesar de os nossos corpos serem simples e flexíveis, capazes de beber chá pelas mais finas e delicadas porcelanas chinesas, e de as nossas maneiras serem boas, de modo a sabermos o que as diferentes situações exigem de nós, as nossas almas parecem-se com dinossauros, são volumosas como casas, movem-se pesada e lentamente, mas se tiverem medo ou ficarem zangadas são perigosíssimas, não têm qualquer escrúpulo em ferir ou matar. Com esta imagem quero dizer que, se tudo parece inspirar confiança por fora, no interior acontecem sempre coisas bem diferentes, e numa dimensão bem diferente. Enquanto uma palavra no exterior é apenas uma palavra que cai ao chão e desaparece, uma palavra pode tornar-se algo de enorme no interior e permanecer aí durante muitos anos. E enquanto um incidente no exterior é apenas um incidente, frequentemente previsível e sempre depressa ultrapassado, pode ser totalmente decisivo no interior e provocar medo, que paralisa ou provoca azedume, que paralisa ou, pelo contrário, provoca temeridade que não paralisa, mas que pode conduzir a uma queda. Conheço pessoas que bebem uma garrafa de aguardente por dia, conheço pessoas que engolem psicofármacos como reбуçados, conheço pessoas que tentaram acabar com a vida, uma tentou